O GNAGSE FACOIDAL E A CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UM CASO CLASSICO DE PAISAGEM CULTURAL

K. L. MANSUR\textsuperscript{15}, I. S. CARVALHO\textsuperscript{16}, C. F. M. DELPHIM\textsuperscript{15} e E. V. BARROSO\textsuperscript{15}

Resumo - O gnaisse facoidal, por sua maior resistência ao intemperismo, é a rocha que sustenta os ermos monumentos naturais da cidade do Rio de Janeiro, como o Pão de Açúcar e o Corcovado. A paisagem de rocha, floresta e mar, descrita com emoção pelos naturalistas que passaram pelas áreas, em especial no século XIX, ainda provoca deslumbramento no turista. É também a rocha de cantaria da maior parte dos monumentos históricos da cidade. Está presente, sim, no Padrão do Sol, escada esculpida na rocha pelos negros escravos que ali se reuniram para contar histórias, realizar cultos e cantar. Destas reuniações nasceu o samba.

Palavras-chave - Gnaisse Facoidal; Paisagem Cultural; Cidade do Rio de Janeiro.

1 - INTRODUÇÃO

O conceito de Paisagem Cultural é relativamente novo no Brasil. O conceito da UNESCO, voltado para paisagens de excepcional valor universais, não se adaptava a paisagens cuja importância se limitava a escalas mais reduzidas, nos âmbitos nacional, estadual, regional e local. Na "Carta de Bagé", aprovada em 2007, durante o Seminário "Semana do Patrimônio" - Cultura e Memória na Fronteira" nessa cidade guaíba, são sugeridas as linhas gerais para uma Política

\textsuperscript{15} DREM/RJ - Serviço Geológico do Estado do Rio de Janeiro, Niterói, Brasil; kmansur@geologia.rj.igc.gob.br
\textsuperscript{16} Departamento de Geologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; iscarvalho@geologia.ufrj.br
\textsuperscript{17} IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural Nacional, Rio de Janeiro, Brasil; crdpaj@zoon.esalq.br
\textsuperscript{18} Departamento de Geologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; crdpaj@zoon.esalq.br

469
Nacional de Paisagem Cultural e é apresentada uma definição para este conceito. Nesse documento, a Paisagem Cultural é definida como o rico natural as quais o ser humano imprime e marca de suas ações e formas de expressão, resultando em uma soma de todas as tendências resultantes da interação do homem com a natureza e, recíprocamente, da natureza com homem, passíveis de leituras espaciais e temporais. Esta definição fundamenta-se na Constituição do Brasil de 1988, que estabelece que o conceito de patrimônio cultural envolve manifestações artístico-culturais, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas e os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e cientifico (art. 216).

Segundo DELPHIM (2005), antes do século XIX são poucos os relatos que se referem à paisagem e à natureza brasileira.

Com a vinda da família real, em 1808, e a consequente abertura dos portos brasileiros as nações amigas de Portugal, houve um aumento na investigação científica, especialmente por naturalistas estrangeiros que, financiados pela nobreza européia, cumpriram uma missão académica e, informalmente, eram encarregados de funções políticas, dado o interesse comercial por suas futuras descobertas (DELPHIM, 2005). Muitos dos visitantes registraram o profundo impacto que a paisagem da Baía de Guanabara exerce sobre eles. Este é o caso, por exemplo, de Auguste de Saint-Hilaire e Charles Darwin, além dos artistas que retrataram a cidade como Johann Moritz Rugendas, Thomas Ender, Jean Baptiste Debret, Nicolas-Antoine Taunay, entre outros.

2 - GEOLOGIA - O GNISSE FACOIDAL NA PAISAGEM

A origem do gnaisse facoidal é de muitos gnaisses e granitos encontrados na cidade está relacionada ao evento de colisão continental (VALERIANO, 2006; VALERIANO et al., 2007a e 2007b), ocorrido há cerca de 570 milhões de anos, que formou o Gondwana. Como resultado da colisão, houve a fusão de material da crosta. Com a continuidade do processo de colisão, as rochas existentes foram metamorfasadas e dobradas. O gnaisse facoidal é uma rocha orotérmica, fruto desse processo de fusão, cristalização e deformação.

Após um período de calmaria, o Gondwana se fragmentou há 130 milhões de anos, deixando como registro díques de diástase e estruturas geológicas, como fraturas e falhas.

Com a erosão e escoamento da crosta, estas rochas, que estavam a mais
de 20 km de profundidade, chegaram à superfície e passaram a sofrer os processos interméticos.

O gnaissse facoidal, mais resistente ao intemperismo do que os outros tipos de gnaisses também formados no evento edissional, destaca-se na paisagem da baía de Guanabara. A figura 1 mostra como a geologia e, especialmente, o gnaissse facoidal, dá suporte ao relevo da cidade.

Fig. 1 - Perfil geológico de Ipanema às proximidades do Maracanã - cidade do Rio de Janeiro.

3 - O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL RELACIONADO AO GNAISSE FACOIDAL

A arte da cantaria foi introduzida no Brasil com a vinda de Tomé de Souza em 1549, que trouxe em sua comitiva o mestre Luis Dias, que executou vários ímãs e a primeira Casa de Câmara e Cadeia em Salvador (RODRIGUES et al., 2004). Posteriormente, outros mestres construtores vieram para atuar em obras militares, religiosas e civis.

Os portugueses, mestres na arte da cantaria, contribuíram sobremaneira para a implantação de um padrão de construção com base na escultura em pedra da cidade do Rio de Janeiro. Toda a antiga área central da cidade mostra, nas residências de época, o uso do gnaissse facoidal nas meio-fios, nos portais e janelas. Também estão presentes nos prédios históricos, museus, igrejas e palácios. A ausência de jazidas de mármore nas proximidades ampliou seu uso.

Os gnaisses são, em geral, muito duros para escultura de ornamentos, prestando-nos mais ao revestimento de paredes e pisos. No entanto, o gnaissse facoidal mostrou-se muito adequado a este uso, conforme pode-se observar em vários dos monumentos históricos da cidade, prestando-se a elaboradas e delicadas esculturas.

O uso do gnaissse facoidal na cantaria foi descrito por JEAN BAPTISTE DEBRET em seu livro "Viagem Protesca e Histórica ao Brasil" (1834-1839). É apresentada uma gravura de uma pedrae no Morro da Glória (Fig. 2) e
listadas outras localidades ao pé do Corcovado, no Catete e no centro da cidade onde o “gnaíss porfírico, de veos de quartzo, feldspato e de mica” (pág. 328) era explorado. Relata que o material da pedreira da Glória é mais branco, macio e facilmente explorável e, ainda, menos caro. Seu uso preponderante davase nas partes do edifício que deviam ser esculpidas, nas balaustradas, nos vasos, etc.

Fig. 2. Pedreira de gnaíss ficoide no Morro da Glória (gravura do DSGRET, 1834-1839). O uso de explosivos para frustramento do maciço está documentado na gravura.

Estas antigas pedreiras foram responsáveis pela matéria-prima utilizada em importantes monumentos intimamente relacionados à história do Brasil ou que hoje configuram-se como Patrimônio Histórico por sua beleza, estilo ou outra característica que os tornam singulares. Neste contexto, podem ser citados os prédios do Palácio do Catete, Arquivo Nacional, Museu de Ciências da Terra ou Palácio da Geologia (Fig. 3), Centro Cultural Banco do Brasil, Museu de Belas Artes, Museu Histórico Nacional, UFRJ na Praia Vermelha, parte do Museu Nacional, Procuradoria Geral do Estado, as fortalezas que protegem a entrada da Baía de Guanabara e igrejas como as de Santa Luzia no Centro, parte da Candelária e a de Santo Cristo (dos Milagres), e estruturas importantes como os museus da Igreja de Nossa Senhora da Glória e inúmeras casas e igrejas nos bairros mais antigos da cidade. A partir da década de 1970, um surto construtivo ocupou-se de substituir velhas edificações privadas da cidade. A mais importante dessas edificações foi a antiga sede do Instituto Histórico Geográfico no Passeio Público. Os elementos em cantaria, muitas vezes cuidadosamente esculpidos, eram transformados em brita, até que antiqüários
passam-se a comprá-los e revendê-los para uma moda de construção com materiais de demolição.

Dentre os prédios modernos também tombados como patrimônio cultural, destaca-se o Palácio Capanema, onde gnaisses facoidais foram utilizados na fachada, contrastando com os azulejos de Portinari e as linhas arranjadas de Oscar Niemeyer (Fig. 4).

![Fig. 3 - Detalhe da fachada do Palácio da Geologia.](image)

![Fig. 4 - Palácio Gustavo Capanema.](image)

### 4 - O GNAISSE FACOIDAL NAS ARTE PLÂSTICAS E NA MÚSICA

Para KURY (2001), a arte foi a expressão privilegiada para dar conta das sensações visuais experimentadas pelos viajantes naturalistas e que acompanhavam, sempre que possível, os seus relatos. Assim, tão importante quanto textos sobre a natureza, é a farta documentação gráfica na forma de pinturas artísticas que retratam a exuberância da paisagem carioca.

Porém, talvez uma das mais importantes formas de arte tipicamente influenciada pela cidade é a música, em particular o samba. Este é um gênero que muito se ocupa da cidade, relato que é do cotidiano brasileiro e nascido da cultura africana. Os historiadores relatam a origem do samba na região central da cidade, formada pelos bairros da Gamboa, Saúde e Santo Cristo, que era conhecida como Pequena África no século XIX, porque era ali que viviam os negros que vinham de todo o país, principalmente da Bahia. A decadência das plantações de cacau e café, da mineração e, principalmente, o retorno da Guerra do Paraguai, segundo o historiador JOEL RUFINO DOS SANTOS (1984), levou a que o Rio de Janeiro recebesse grande número de negros. Na Saúde
fica a Pedra do Sal, afloramento de gnaisse facoídal, aquela época à beira do mar, antes dos aterros que desfiguraram a geografia natural da cidade.

A Pedra do Sal (Fig. 5) foi tombada como patrimônio pelo governo do estado por meio do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), em 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, de 1984. No belo penacho que consubstânciava o tombamento, JOEL RUFINO DOS SANTOS (1984) dá a dimensão da importância do local para os moradores, informando que dali eles saudavam os navios que chegavam da Bahia com familiares e amigos e que a Pedra do Sal era para o recebi-chegados à cidade o que é hoje o Cristo Redentor: o primeiro abraço e o sentimento da cidade. No século XVII e XVIII era local de desembarque de navios negreiros.

A pedra testemunha por ter sido local de desembarque e comercialização de sal, onde os escravos/estivadores garimpavam o sal para comercializar e conseguir algum dinheiro. Uma escadaria foi esculpida na rocha que dá acesso ao Morro da Conceição. A Pedra do Sal era local de encontro, de oferendas, de festas, rodas de capoeira e bate-aque. O texto do tombamento estadual relata que ali se encontravam as célebres Iasitas Baisas como a Tia Ciuta, Bibiana, Marcelina, Rita Baisa, Pretas forbas e quintelheiras, em cujas casas ouvia-se e se fazia música. Fez aí que o bate-aque e o jongo se transformaram em partido alto.

Fig. 5 - Pedra do Sal - escada esculpida no gnaisse.
5 - A MAIS CARIOCA DAS ROCHAS


Por outro lado, os negros tiveram papel importantíssimo na construção da cidade e de sua identidade, apesar do sofrimento que lhe foi imposto com a escravidão. A presença da família real portuguesa na cidade teve também papel definitivo em sua arquitetura e na atração de artistas e naturalistas que desde aqueles tempos divulgaram as belezas naturais.

O fato é que a cidade do Rio de Janeiro é uma mescla perfeita entre a paisagem e seus moradores. O patrimônio geológico e o cultural são partes indissociáveis de uma mesma e indissociável unidade. A mesma rocha que confere à cidade uma singular visão natural também proporciona a matéria-prima da construção de seu patrimônio cultural e está presente nos fatos históricos que moldaram o carioca tal como ele é. Neste contexto, fica a convicção de que o gnaisse faióidal é a mais carioca das rochas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


476